

NOTÍCIAS

PROF. DR. ARYON DALL' ICNA RODRIGUES

Motivo de grande satisfação e júbilo para a Faculdade de Filosofia é o regresso a esta Capital do prof. dr. Aryon Dall'Igna Rodrigues que há quase um lustro de permanência na Europa, principalmente na Alemanha, ampliou seus conhecimentos nas Universidades de Hamburgo e Munique, com mestres de renome das Ciências Lingüísticas.

O prof. Aryon Rodrigues que se licenciou em Letras Clássicas em 1950 pela nossa Faculdade, lecionou Português no Colégio Estadual do Paraná e na Faculdade Católica de Filosofia, dedicou-se também ao Folclore, tendo sido secretário geral da Comissão Paranaense de Folclore.

Tendo sido contemplado, em fins de 1954, com uma bolsa de pesquisas pela Fundação Alexandre de Humboldt, de Bonn, estudou glotologia indo-européia e dialetologia na Universidade de Munique, e, na biblioteca do Museu de Etnologia da mesma metrópole, dedicou-se aos estudos do material sobre as línguas indígenas brasileiras, e participou do colóquio lingüístico-histórico do prof. Ferdinand Sommer, durante o qual realizou palestras acerca da morfologia do tupi.

Obtendo, em seguida, outra bolsa de pesquisas concedida pela mesma Fundação, transferiu-se para Hamburgo em cuja universidade estudou fonética, línguas africanas e malaió-polinésicas, assim como filologia romântica.

Em 1956, foi agraciado com um prêmio de aplicação pela Reitoria da mesma Universidade, e ao mesmo tempo obteve da Fundação Alemã para a América Latina uma bolsa para prosseguimento de seus estudos na Alemanha. Nesse ano, foi a Dinamarca para participar do 32.º Congresso Internacional de Americanistas (Copenague), apresentando aí uma comunicação sobre a classificação do tronco lingüístico tupi.

Na Alemanha exerceu a função de professor de Português no Instituto de Investigações Ibero-Americanas e no Seminário Romântico da Universidade de Hamburgo. Nessa oportunidade, a convite do Seminário de Lingüística Comparativa e do Collegium Linguisticum, explanou a Glotocronologia, desconhecida nos meios universitários alemães.

Em abril e maio de 1957, o prof. Rodrigues realizou pesquisas de documentos lingüísticos e etnográficos respeitantes à África, Ásia e ao Brasil, nas bibliotecas e nos arquivos de Lisboa, Coimbra, Pôrto, Braga e Évora, por encargo do Seminário de Línguas e Culturas Africanas da Universidade de Hamburgo. De julho a dezembro empreendeu na Suíça, Zurique, com uma bolsa concedida pela Fundo Nacional Suíço, uma análise dos materiais colhidos pelo etnólogo Franz Caspar, sobre a língua dos índios tuparis, do território de Rondônia, e redigiu, então, uma gramática descritiva desse idioma.

Em 1958, em Hamburgo, foi novamente contemplado com dois prêmios de aplicação, e, em 1959 doutorou-se mediante a tese — Fonologia da Língua Tupinambá — tendo sido aprovado com a nota máxima "summa cum laude".

Passou, então, a trabalhar, como auxiliar científico, no Seminário de

Línguas e Culturas Africanas, e, logo depois, foi contratado para as funções de assistente científico do mesmo.

Salientamos os periódicos em que o prof. Aryon Rodrigues colaborou: *Münchener Studien zur Sprachwissenschaft*, *Romanistisches Jahrbuch*, *Kratylos*, *Afrika und Uebersee* e *Revista Portuguesa de Filologia*.

Em nossa Faculdade de Filosofia, o prof. Rodrigues se acha, presentemente, à frente da Secção de Lingüística Indígena do Instituto de Pesquisas, e, além do magistério, irá dedicar-se às investigações lingüísticas indígenas "in loco", dos aborígenes que, na sua maioria, estão prestes a desaparecer. Ficará à frente da cátedra de Lingüística Geral (cursos de Letras) e de Tupi (curso de Geografia e História).

PROF. DR. ZDENEK HAMPEJS

Visitou a Faculdade de Filosofia o prof. dr. Zdenek Hampejs, doutor em Filosofia pela Universidade de Praga, Checoslováquia, e, na mesma Universidade, obteve o grau de Candidato das Ciências Filológicas, graças à tese — **O Infinitivo em Português**. O prof. Hampejs, que aprendeu o português e o espanhol como autodidata, traduziu para a sua língua natal obras de Castro Alves, de Jorge Amado, e *Memórias de um Sargento de Milícias* de Manuel Antônio de Almeida. Vai traduzir obras de Aluísio de Azevedo e seleções de Machado de Assis, e está preparando um dicionário, um manual de português e uma antologia da poesia brasileira.

Parte da tese acerca do infinitivo foi publicada em Portugal, e um capítulo da mesma foi apresentado ao IX Congresso Internacional de Lingüística Românica, que se realizou em 1959 em Lisboa.

O prof. dr. Zdenek Hampejs deu-nos a honra de uma colaboração neste número de **Letras — Los Estudios Hispánicos en Checoslovaquia**.

BICENTENÁRIO DO NASCIMENTO DE FRIEDRICH VON SCHILLER

Os estudantes do curso de Letras anglo-germânicas da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade do Paraná realizaram, em 30 de outubro, no anfiteatro da Faculdade de Filosofia, um programa comemorativo do bicentenário de nascimento do poeta Friedrich von Schiller.

A programação foi a seguinte:

- 1) O côrilo final da Nona Sinfonia de Beethoven com o texto de Schiller "Ode ao Júbilo".
- 2) Apreciação da personalidade de Schiller pelo prof. Reinaldo Bossmann, catedrático de Língua e Literatura Alemã.
- 3) Declamações de poesias de Schiller nas línguas portuguêsa e alemã pelos estudantes.
- 4) Dados sobre a vida e obra do poeta acadêmico Carlos Fehlauer.
- 5) "Holder Friede, süssre Eintracht" (Ó paz benóvola, concórdia amável), cantado por um grupo de estudantes do curso de Letras anglo-germânicas.
- 6) Exposição litográfica e bibliográfica referente à vida e obra de Schiller.

IV REUNIÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA

De 15 a 18 de julho de 1959, efetuou-se nesta Capital a IV Reunião Brasileira de Antropologia promovida pela Associação Brasileira de Antropologia e Instituto Brasileiro de Educação Científica e Cultural (secção do Paraná), sob o patrocínio da Universidade do Paraná e com o apoio do Governo

do Estado, da Prefeitura Municipal de Curitiba e da Prefeitura Municipal de Paranaguá.

Realizaram-se as sessões principalmente na Faculdade de Filosofia, e a 3.^a sessão de estudos do dia 16 foi reservada para a lingüística ameríndia. No anfiteatro do Departamento de Antropologia, sob a presidência do prof. Rosário Farâni Mansur Guérios, relator o prof. Dr. Dale Kietzmann, foram apresentadas as seguintes comunicações: Joaquim Mattoso Câmara Júnior — *Análise mórfica das listas vocabulares indígenas*; Sarah C. Gudchinsky — *Ofayé-Xavante, uma língua Gê*; Úrsula Wiesemann *Notas para um estudo comparativo dos dialetos kaingang*; Dale Kietzmann — *Modelo de uma cartilha terena*; Loraine Bridgeman — *Um plano para pesquisa nas línguas tupis*; R. F. Mansur Guérios — *A posição lingüística do xetá*.

CONFERÊNCIA SÔBRE AS TENDÊNCIAS DO FRANCÊS MODERNO

A 30 de novembro de 59, na Associação de Cultura Franco-Brasileira, desta Capital, o prof. Marcel Galliot, da Faculdade de Nancy, proferiu uma conferência intitulada — “Où va le français moderne?” — cuja tradução é aqui dada em resumo:

É uma questão que interessa os estrangeiros e que inquieta os franceses. Tôdas as línguas evoluem. A fixação de uma língua — que é viva — é inconcebível. Esta evolução é necessária; nós temos necessidade de coisas novas, de novas idéias a exprimir, de novas técnicas. Assim, as 700 palavras ou as 1.500 palavras que permitem compreender VILLON ou RACINE não são mais suficientes atualmente para nos exprimirmos. A língua francesa também evolui e segue o mesmo caminho.

Nesta evolução o papel da gramática é o de a controlar; ela é a testemunha e o juiz. Os jornais e as revistas reproduzem sempre artigos de gramáticos que ensaiam seguir esta evolução. Estamos em frente de duas tendências: os puristas têm por ideal a manutenção da tradição, enquanto os conformistas se contentam em constatar a evolução e de aceitá-la. Entre estas duas tendências, o critério nos convida a adotar uma posição intermediária: o gramático não tem nem o direito nem o poder de se opor à evolução da língua, mas deve controlá-la.

Na evolução de uma língua constatamos fôrças que agem em sentido oposto: as de manutenção e as de evolução.

Na Idade-Média as fôrças de manutenção eram falhas. A imprensa não existia. As fôrças evolutivas eram muito poderosas. Também a língua francesa mudou em cada duas ou três gerações. Atualmente somos obrigados a traduzir as obras do passado.

Hoje as fôrças de manutenção são mais fortes. A escola, a literatura nos ensinam um francês correto. Entretanto, verificamos que elas estão em vias de diminuição: o rádio, a televisão, os jornais fazem apelo a uma língua falada muito descuidada.

Dentro de alguns anos nos encontraremos na mesma situação da Idade-Média. Já muitos não comprehendem, perfeitamente, as peças de CORNELLE e de RACINE. E, dentro de cinqüenta anos, será necessário traduzir as obras de VICTOR HUGO.

Vejamos claramente: onde está e em que sentido vai o francês moderno? As transformações atuais da língua francesa são devidas a três tendências:

A primeira consiste em empréstimos irracionais às línguas estrangeiras; resulta o enriquecimento da língua em todos os domínios: exército, filosofia, técnica. Mas esta invasão não é sem inconvenientes: as palavras não se afan-

cesam mais ou, melhor, correspondem às palavras que existem em nossa língua, ou melhor ainda, não correspondem a nenhuma palavra existente nas outras línguas.

A segunda tendência é a deformação popular devida à ignorância, à negligência e provém da invasão da gíria da língua falada. Notamos estas transformações na pronúncia, na gramática, no emprêgo dos tempos e na não concordância do particípio passado conjugado com o verbo auxiliar **avoir** (ter, haver), no vocabulário.

A terceira tendência diz respeito ao preciosíssimo: redundância, eufemismo.

Em vista de tudo isso, o dever de todo francês e de todo estrangeiro de linguagem pura, é de resistir à vulgarização da língua francesa.

A REVISTA “ANHEMBI” E OS ACHINCALHES A PROFESSORES DA FACULDADE DE FILOSOFIA DA UNIVERSIDADE DO PARANÁ

Contra o que expendi em **Letras**, sob o título “A Revista “Anhembi” e os Achincalhes a Professores da Faculdade de Filosofia da U. do Pr.”, três componentes da comissão julgadora do concurso de Língua e Literatura Francesas protestaram em cartas dirigidas à Faculdade e lidas em sessão da Congregação, aos 18 de julho de 1959. Na mesma, apresentei a minha justificação, a qual ora, mais abaixo, se transcreve, embora não na íntegra.

“Curitiba, 23 de abril de 1959.

Ao Exmo. Sr.

Prof. F. J. Gomes Ribeiro,

DD. Diretor da Faculdade de Filosofia da Universidade do Paraná.

Curitiba.

Senhor Diretor:

Lendo a revista “Letras”, órgão dos Cursos de Letras dessa Faculdade, n.º 9, do ano de 1958, encontrei nas suas páginas 112/113, um artigo assinado pelo Prof. R. F. Mansur Guérios, que é um dos diretores da mesma revista, acérca de “A revista **Anhembi** e os achincalhes a Professores da Faculdade de Filosofia da Universidade do Paraná”. Nesse artigo ataca aquél Professor o nosso colega Prof. Wilson Martins, sem lhe declarar o nome, e, a propósito do concurso que o Prof. Wilson Martins prestou, em 1953, para conquistar a cátedra de Língua e Literatura Francêses, afirmou que ele, “por ser muito esperto e ladino, conseguiu **encomendar** uma banca examinadora a seu bel prazer — **cinco amigos** — dos quais dois especialistas e três não especialistas, professores de disciplinas diversas, e, dentre êstes, um amigalhão do peito”. Acrescentou que, “embora a cátedra a que ia concorrer compreender duas disciplinas afins, conseguiu outra maravilha para facilitar e favorecer a sua aprovação, isto é, a organização de pontos exclusivamente de uma só das disciplinas, justamente a mais fácil, aquela que depende quase exclusivamente da memória. E o rapaz foi aprovado!”

Ora, Senhor Diretor, eu fui um dos cinco componentes da banca escolhida para o concurso do Prof. Wilson Martins e justamente o seu presidente. Nessa qualidade, sentindo-me injuriado pelo artigo da revista “Letras”, órgão oficial dos Cursos de Letras dessa Faculdade, de que tenho a honra de ser professor, venho protestar perante V. Exa., contra aquela publicação, porque não me posso conformar com o fato de vir um órgão oficial dessa Faculdade, pela pena de um dos seus diretores, membro do corpo docente, acusar de par-

cialidade e de procedimento ilegal os examinadores, para favorecer o candidato, quando é certo que tais examinadores são escolhidos pela Congregação e as provas do concurso se realizam publicamente, sob a fiscalização da mesma Congregação, à qual é, depois, submetido um parecer acerca de tais provas e seu julgamento, passando tudo, afinal, pelo crivo dos órgãos superiores do ensino, no Rio de Janeiro, e recebendo, com o decreto de nomeação do candidato assim aprovado, a aprovação do processo do concurso pelo próprio Presidente da República.

Pois bem: o concurso do Professor Wilson Martins não recebeu a menor objeção de quem quer que fosse.

Quanto à minha amizade a esse talentoso Professor, era preciso, para fazer essa intempestiva alegação, que quem me argüe de capaz de parcialidade, além de provar que o meu sentimento se enquadra no conceito legal e doutrinário da amizade íntima, que gera a suspeição, provasse também que o meu passado, em qualquer momento da minha vida, autoriza a presunção de que eu cederia ao influjo da amizade.

Peço a V. Exa., que me faça a fineza de transmitir os têrmos desta carta à douta Congregação dessa Faculdade, na primeira sessão que realizar, para que o meu protesto fique constando da ata respectiva.

Por último, Senhor Diretor, rogo ainda que V. Exa., faça publicar esta carta na revista "Letras", no mesmo local em que saiu o artigo que a provocou.

Sirvo-me da ocasião para renovar a V. Exa., Senhor Diretor, a expressão dos meus sentimentos de velha estima e constante admiração.

as) Manoel Lacerda Pinto."

"Curitiba, 25 de abril de 1959.

"Exmo. Sr. Dr. Francisco Gomes Ribeiro

M. D. Diretor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade do Paraná.

Nesta

Atenciosas saudações.

Tomando conhecimento através da revista **Letras**, publicação dessa Faculdade, em seu número 9, de dezembro de 1958, só agora distribuído, de um artigo intitulado "A Revista **Anhembi** e os Achincalhes a Professores da Faculdade de Filosofia da U. do Pr.", de autoria do Prof. R. F. Mansur Guérios, vimos à presença de V. Exa., para protestar, na parte que nos atinge, contra as injúrias nela contidas, dirigidas à banca examinadora do Concurso para Professor Catedrático de Língua e Literatura Francêsa, realizado cerca de seis anos atrás, a que concorreu o Prof. Wilson Martins.

Participamos dessa banca, organizada legalmente, dentro de todas as formalidades regulamentares, quando era diretor da Faculdade o Prof. Homero Batista de Barros e fazia parte de seu Conselho Técnico o próprio Prof. Mansur Guérios, com pleno conhecimento, portanto, da escolha de todos os examinadores, tanto dos designados por esse Conselho como dos pela Congregação, a que também esteve presente o mesmo professor, se não nos falha a memória.

A intempestividade de seus comentários se torna assim clamorosa. Sabia ainda o Prof. Mansur Guérios, por exemplo, como, aliás, todos os professores que participaram da Congregação e compunham o Conselho Técnico, que um dos signatários da presente era então o único professor catedrático

de Literatura de que a Faculdade dispunha para incluir entre os seus representantes no referido Concurso, sendo preciso recorrer, para completar o seu número, a outro professor estranho às cadeiras de Literatura ou de matéria afim, como foi o caso do professor Lacerda Pinto, escritor e poeta de renome, cujos conhecimentos de Literatura Francesa, contudo, não podiam ser postos em dúvida, como de fato não o foram. O outro signatário, professor alheio aos quadros da Faculdade, designado para substituir o crítico Sérgio Milliet, de S. Paulo, impedido por doença de comparecer, conforme sua notificação, não é, por sua vez, nenhum estranho à matéria, uma vez que ele mesmo tivera oportunidade de reger durante algum tempo a mesma cadeira então em concurso, dentro da mesma Faculdade em que se inscrevia como candidato o Prof. Wilson Martins. Os outros dois professores de fora, que completaram a banca, Roberto Alvim Correia e Alfred Bonzon, eram professores da mesma disciplina no Rio e S. Paulo, em Faculdades congêneres, não podendo a escolha destes ilustres nomes ser arguida de "encomendada", como sustenta agora o Prof. Mansur Guérios. Estamos certos de que da mesma forma por que o fazemos neste momento os referidos professores protestariam, caso viessem a ter ciência dos comentários em apreço.

Quanto à arguição de amizade existente entre a banca e o candidato, eis outra injúria contra a qual não podemos deixar de protestar, pois acima dessa amizade estavam a dignidade e a compostura, a responsabilidade e o nome dos componentes dessa banca. Não nos consta que a amizade em si constitua impedimento para tais investiduras. Supondo, porém, que o fosse, porque então o impedimento não foi levantado na ocasião pelo Prof. Mansur Guérios, com todos os meios a seu alcance para fazê-lo?

Outra insinuação malévolas contida nos citados comentários é a relativa aos pontos escolhidos para sorteio. Se a banca deu preferência aos de literatura foi por se tratar de disciplina cuja essência é literatura, reservada à língua apenas uma parte histórica.

O mesmo se pode dizer acerca dos títulos apresentados pelo candidato, entre os quais se incluiam um diploma da Escola Normal Superior de Paris e várias obras de crítica e estudos de literatura francesa. Não são documentos estranhos à matéria, como leviana e malevolamente diz o Prof. Mansur em seus infelizes comentários. Além disso, o candidato apresentava o melhor título que era possível exibir na ocasião: o de professor contratado da cadeira na Faculdade antes de sua federalização e o de professor catedrático interino da mesma, após a federalização. Não se tratava, portanto, de ninguém alheio à especialidade, como sustenta ainda o Prof. Mansur.

Profundamente lamentável, pois, que o Prof. Mansur Guérios não tenha sabido abordar esse assunto do Concurso do Prof. Wilson Martins "em atmosfera límpida e arejada como convém a homens de responsabilidades", segundo as suas próprias palavras, chegando até a omitir em seus comentários o nome desse ilustre professor, cujos merecimentos são reconhecidos em todo o País e cujo concurso na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade do Paraná constituiu, pela correção e alto nível em que se realizou, uma das melhores páginas da vida universitária paranaense.

Diante do exposto, Sr. Diretor, pedimos a V. Exa. que, justamente para ressalva de responsabilidades, seja esta carta publicada no próximo número da revista **Letras**, no mesmo local dos aludidos comentários, levada ao conhecimento da Congregação em sua próxima reunião e transcrita na ata de seus trabalhos na íntegra.

Valemo-nos do ensejo para, com os nossos antecipados agradecimentos,

apresentar a V. Exa. os nossos protestos da mais alta estima e distinguida consideração.

ass) Temístocles Linhares.
Eloy da Cunha Costa."

* * *

Passo agora a transcrever, embora não integralmente, o que, em seguida, foi apresentado por mim à Congregação:

A Faculdade de Filosofia da Universidade do Paraná, a sua Congregação, o seu C. T. A., o diretor e professores foram desbragadamente atacados, insultados e injuriados pelo mensário paulistano **Anhembí**, em cujas assacadelhas se descobriu facilmente o autor intelectual, que é membro da mesma Faculdade.

A raiva insana, ódio eu diria, dêsse colega instilou-se não só principalmente no então diretor — prof. Homero Batista de Barros, senão ainda em todos aquêles que não se postaram a seu favor — Mansur Guérios, Francisco José Gomes Ribeiro, Hostílio César de Sousa Araújo, Omar Gonçalves da Mota, José Carlos de Figueiredo, José Nicolau dos Santos, Reinaldo Bossmann, Artur Santos de Almeida, Leonel Moro, Zélia Milleo Pavão, Ludovico João Weber, Lauro Esmanhotto, Luís Castanhola e Guillermo de la Cruz Coronado.

Vejamos, p. ex., como o autor e colega qualifica, através dessa respeitanda revista cultural, alguns dos seus companheiros de magistério que não comungam com a sua facção (**Anhembí**, n.º 97, dez. de 58) — a todos — **mentalidade espírito-de-porco** (p. 99); a um dos lentes — **mau professor, ... homem subserviente e abúlico, ... incapaz de lecionar num curso secundário** (p. 102). No n.º 98, jan. de 59 (p. 326) à minha pessoa — uma alusão a anedota indecorosa. Na mesma página, a um dos colegas qualifica de **indivíduo estreito, acanhado, obscuro, imbecil, fâmulo submisso**; a todos — **maus professores** e que **sabem aproveitar-se e utilizar-se das situações escandalosas** (p. 329). Até o Conselho Universitário da Universidade e o Magnífico Reitor receberam o seu — veja-se o constante na p. 543-544 e 551 do n.º 99, fev. de 59. Neste mesmo número, todos os professores citados são **malandros, de batina ou à paisana, e patifes** (p. 547). E ainda **marotos notórios** são os professores Homero de Barros, Luís Castanhola, Guillermo Coronado, Reinaldo Bossmann, Mansur Guérios, Francisco José Gomes Ribeiro, e **outros bem conhecidos...** (p. 548).

Vejam os colegas da outra facção — êsses e outros que tais seriam os xingamentos que se lhes aplicariam, se estivessem do lado de cá! E qual o crime para tanta perseguição? Tão só pelo direito, pela liberdade que nos assiste, e que não negamos aos nossos adversários, o direito, a liberdade de votar em quem quer que seja!

O prof. des. Manuel Lacerda Pinto, numa das sessões da Congregação, verberou essa campanha difamatória, mas o autor intelectual poupou-o, não lhe atirando sequer um apôdo. Qual a razão do proceder? Fácil é a resposta — Há interesses extra-universitários; o juiz precisa do desembargador e presidente do Tribunal de Justiça do Estado...

Ora, é sabido que a tôda ação corresponde uma reação, e esta chegou! Diante daquelas e de outras expressões desabridas, eu resolvi, **sponte mea**, defender-me e, com isto, defender a Faculdade na maioria dos seus professores tão injusta e descaridamente agredidos, desmascarando o seu autor intelectual.

Antes de tudo quero frisar que sinto haver saído das minhas pacíficas atividades habituais de magistério para reagir do modo como o fiz na revista **Letras** de que sou um dos diretores.

Agredido nominalmente e por uma revista de cultura exposta em nossa biblioteca e manuseada com mais freqüência nestes últimos tempos, e ante referências e solicitações de vários meus alunos dos cursos de Letras que se inteiraram do sórdido conteúdo, fui obrigado a usar de **Letras**, revista de cultura, órgão oficial dos cursos de Letras da nossa Faculdade, como o meio mais apto e adequado para a defesa que se fazia mister, para denunciar o colega que teve a grande glória, tristíssima glória, de lançar a cizânia entre os professores da Faculdade de Filosofia da Universidade do Paraná, os quais, apesar de haverem sido de várias correntes filosóficas, políticas e religiosas, labutavam, desde a sua fundação, em harmonia digna de exemplo.

Demais, hostilizado na qualidade de professor e hostilizado entre professores, o revide eu o fiz como professor no periódico para professores de Letras, rebatendo não com achincalhes e calúnias, mas com a verdade, com fatos, e agora confirmados com outros.

Quanto à banca examinadora de Língua e Literatura Francesas, se é verdade que eu errei por omissão, não protestando, em tempo oportuno, contra a sua composição, isso e tódas as formalidades legais não apagarão nem impedirão jamais que se lhe reconheça e divulgue o vício, mortmente quando eu e colegas temos sido provocados com aquêles e outros doestos. Quem tem telhado de vidro,...

Afinal, quem reconhece, antes de mim, que a banca foi adrede encorregada para a aprovação é, **mirabile dictu!**, a própria revista **Anhembí**, no ano IX, n.º 97, vol. 33.º, dezembro de 1958, pág. 98, da linha 47 até 53! Deixo de citar-lhes as palavras a fim de que os interessados se certifiquem e as saforeiem no original!

Ademais, vários colegas são sabedores de que foi o dr. Temístocles Linhares o legado a **látere** das confabulações pré-congregacionais, o qual escolheu, como no brinco de bem-me-quer e malmequer, os que iriam constituir a junta examinadora, recusando aquêles que não tinham o beneplácito do candidato.

Foi certamente para evitar qualquer reclamação posterior que o dr. Wilson Martins recusou, em congregação, o nome do prof. des. Manuel Lacerda Pinto, catedrático de Política, do curso de Ciências Sociais, para examinar o pe. Luís Castagnola, no concurso dêste para Língua e Literatura Italianas, mas, coisa de estranhar, não lhe opôs objeção alguma quando do seu próprio concurso — Língua e Literatura Francesas.

Não sei por que a cátedra de Português não foi lembrada para a constituição dessa banca. Não é de mister muita consideração para depreender que entre Língua Portuguesa e Língua e Literatura Francesas existe maior afinidade de que entre estas e Política, em que pesem os conhecimentos de língua e de literatura francesas do nobre colega des. Lacerda Pinto e que eu não quero pôr em dúvida.

Aquilo que alegam os signatários do protesto — Temístocles Linhares e Elói da Cunha Costa — que “a banca deu preferência aos [pontos] de literatura,... por se tratar de disciplina cuja essência é literatura”, eu pergunto — que disciplina é essa cuja essência é literatura? A cátedra em questão abrange, sim, duas disciplinas e duas disciplinas em pé de igualdade. A lei não lhe faz distinção hierárquica.

Há pouco, um técnico do Ministério da Educação e Cultura, chamado a dar parecer sobre a equiparação dos cursos professados pela Aliança Francesa aos de Inglês da Sociedade Brasileira de Cultura Inglêsa e do Instituto Brasil-Estados Unidos, o mesmo técnico opinou, na verdade exageradamente, que “para ser professor de Francês, não basta falar e ter conhecimento da

língua francesa”, mas “deve ter uma base lingüística alicerçada em estudos rigorosos da língua latina, bem como nas de outras línguas irmãs”, que julga “auxiliares imprescindíveis na explicação de todos os fatos gramaticais e lingüísticos”.

Ora, a parte gramatical ou, melhor, a parte verdadeiramente lingüística foi e é a parte terror do então candidato e atual professor, o seu calcanhar de Aquiles! Esta é que é a verdade! O catedrático de Língua e Literatura Francesas — o dr. Wilson Martins — não tem cultura filológica de Francês, já não digo de Filologia Românica, falo tão só de cultura filológica de Francês, indispensável para as disciplinas que rege numa Universidade! Não sou quem o diz, mas, franqueza estranha e singular, ele próprio foi quem me confessou, a mim, de viva voz, mais de uma vez, dentro e fora da Faculdade, quando éramos amigos. É verdade, não o disse exatamente com essas palavras, porém exatamente com essa tradução!

O diploma da Escola Normal de Paris, um dos documentos que ostentou à banca, é de Crítica Literária ou coisa similar, apresentável, sim, como título para concurso, mas para qualquer literatura — francesa, portuguesa ou chinesa!

Alegar que “o melhor título que era possível exibir na ocasião: o de professor contratado da cadeira na Faculdade antes de sua federalização” — é, sim, título de ocasião, como poderia ter sido o de História do Brasil que ele na Faculdade lecionou como substituto. Estivesse vaga essa cátedra! . . .

Embora tenha publicado obras, até agora, desde 1953, data do seu concurso, o dr. Wilson Martins não escreveu sequer uma que tratasse de Língua Francesa ou de Literatura Francesa. As que publicou, são de outra natureza, e, por isto, não trazem no frontispício — **Catedrático de Língua e Literatura Francesa da U. do Pr. — mas tão só — Da Universidade do Paraná...**

(Lido integralmente e integralmente
transcrito na ata da Congregação em 18
de junho de 1959).

R. F. Mansur Guérios.